

Levantamento preliminar sobre plantas medicinais utilizadas no bairro Salobrinho no município de Ilhéus, Bahia

FEIJÓ, E.V.R.S.¹; PEREIRA, A.S.¹; SOUZA, L. R.¹; SILVA, L. A. M.¹; COSTA, L. C. B.¹ *

¹UESC, Depto. de Ciências Biológicas, 45662-900, Ilhéus, BA, Brasil. *larissa@uesc.br

RESUMO: Este trabalho teve como objetivo realizar o levantamento etnobotânico das principais espécies utilizadas para fins medicinais pela comunidade Salobrinho, no município de Ilhéus (BA). Foi realizada entrevista com aplicação de questionário semi-estruturado juntamente com a coleta de material vegetal para identificação das espécies citadas. Apesar do elevado número de citações de plantas nas residências dos entrevistados apenas 51 espécies são cultivadas, as quais estão distribuídas em 32 famílias e 42 gêneros, sendo a família Lamiaceae a mais representativa, seguida por Euphorbiaceae, Asteraceae, Verbenaceae e Poaceae. A maioria destas espécies é de porte herbáceo ou arbustivo e são plantas introduzidas. A parte mais utilizada para o preparo de remédios foi a folha (86%), sendo o chá a forma de preparo mais comum (70%). Dentre 86 diferentes indicações de uso terapêutico, as mais citadas foram relacionadas à problemas gastrointestinais com 308 citações, seguida por 171 citações referente a afecções respiratórias. A espécie com maior índice de concordância de uso corrigido foi a *Lippia alba*, indicada para o tratamento de dor de barriga e como calmante. Conclui-se que a localização afastada do bairro em relação aos espaços construídos da cidade, a origem rural dos seus moradores, e sua condição sócio-econômica, possivelmente contribuíram para o acúmulo de conhecimento sobre o tratamento de diversas enfermidades utilizando preparados feitos à base de plantas medicinais.

Palavras-chave: Estudo etnobotânico, uso tradicional, Mata Atlântica.

ABSTRACT: Preliminary survey on medicinal plants used in the district of Salobrinho in the city of Ilhéus, Bahia. This study aimed to conduct an ethnobotanical survey of the main species used for medicinal purposes by the Salobrinho community in Ilhéus (BA). Several interviews were conducted with the application of a semi-structured questionnaire and the collection of plant material for identification. Despite the high number of cited plants, only 51 cultivated species were found in the households of the respondents which are distributed into 32 families and 42 genera, with Lamiaceae as the most representative family, followed by Euphorbiaceae, Asteraceae, Poaceae and Verbenaceae. Most of them were herbaceous or shrub introduced plants. The leaves were the most used portion of the plant to prepare medications (86%) and the tea was the main use (70%). There were 86 different indications and the most cited ones were related to gastrointestinal problems, with 308 citations, followed by 171 indications relating to respiratory diseases. The species with the highest corrected concordance use index was *Lippia alba*, indicated for the treatment of stomachache and as a tranquilizer. It was concluded that the remote location of the district in relation to the built areas of the city, the rural origins of its inhabitants, and their socioeconomic status possibly contributed to the accumulation of knowledge about the treatment of various diseases using medicinal plants.

Keywords: ethnobotanical study, traditional use, Atlantic Forest.

INTRODUÇÃO

O uso de plantas medicinais e de suas formas derivadas tem sido a base da terapia através dos séculos (Marchese *et al.*, 2009). Numerosas etapas marcaram a evolução da arte de curar, porém torna-se difícil delimitá-las com exatidão, uma vez

que a medicina esteve por muito tempo associada a práticas mágicas, místicas e ritualísticas. As plantas adquiriram fundamental importância na medicina popular por suas propriedades terapêuticas ou tóxicas (Martins *et al.*, 1995).

Recebido para publicação em 12/07/2011

Aceito para publicação em 29/01/2013

A prática popular do uso de plantas medicinais ainda é o que muitas comunidades têm como alternativa viável para o tratamento de doenças ou para a manutenção da saúde (Pinto *et al.*, 2006). As observações populares sobre o uso e a eficácia de plantas medicinais contribuem de forma relevante para o conhecimento das funções terapêuticas dos vegetais prescritos pelos efeitos medicinais que produzem, apesar de muitas vezes não terem sequer os seus constituintes químicos conhecidos (Maciel *et al.*, 2002). Nas duas últimas décadas houve uma acentuada revalorização mundial do uso de plantas medicinais, fenômeno que pode ser explicado pela crescente aceitação do consumidor por medicamentos feitos a partir de plantas e pelo renovado interesse da indústria farmacêutica na busca de compostos naturais que possuem atividade farmacológica (Simões & Lino, 2002).

A conservação dos ecossistemas tropicais, especialmente os mais ameaçados, como é o caso da Amazônia e da Mata Atlântica, sempre foi uma preocupação constante. O ecossistema Mata Atlântica tem sido vítima de sucessivos ciclos econômicos desde os tempos coloniais (pau-brasil, mineração, cana, café e gado), especialmente em áreas muito perto da costa. Esses acontecimentos causaram o desaparecimento de inúmeras espécies vegetais e, com elas, informações importantes de diversas áreas como a farmacologia e a botânica (Gazzaneo *et al.*, 2005).

As plantas medicinais, hoje, representam nova alternativa para a conservação dos ecossistemas, visto que as espécies vegetais de valor medicinal são recursos florestais passíveis de exploração sustentável e de comercialização (Di Stasi & Hiruma-Lima, 2002).

No Sul do estado da Bahia concentram-se alguns dos últimos fragmentos remanescentes da Mata Atlântica brasileira associados a certas comunidades que vivem isoladas dos grandes centros urbanos, representando oportunidade interessante de pesquisa sobre o conhecimento e a utilidade dos vegetais presentes (Moreira *et al.*, 2002). Segundo Roque *et al.* (2010), as comunidades rurais estão intimamente ligadas aos usos de plantas medicinais por estas serem, na maioria das vezes, o único recurso disponível para o tratamento de doenças nas proximidades.

Na região conhecida como zona cacauera, a expansão do cultivo de cacau se deu sob a copa raleada de florestas nativas, em sistema de cultivo conhecido como “cabruca”, que contribuiu sobremaneira para a conservação de algumas espécies arbóreas da flora. A crise da lavoura cacauera no final da década de 80 provocou um elevado êxodo rural comprometendo a infraestrutura

urbana da cidade de Ilhéus como um todo. Vários povoados começaram a surgir, alguns afastados do espaço densamente construído da cidade, enquanto outros já existentes se tornaram ainda mais aglomerados, como é o caso do Salobrinho, bairro formado em meados da década de 20 ocupando área de uma fazenda com sede na rodovia que liga Ilhéus a Itabuna (Costa, 2008).

Devido à localização rural do bairro Salobrinho no município de Ilhéus-BA, e considerando sua proximidade com fragmentos da Mata Atlântica, o objetivo deste trabalho foi realizar um levantamento preliminar das principais espécies cultivadas e utilizadas para fins medicinais naquela comunidade.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado no bairro do Salobrinho situado na periferia do município de Ilhéus-BA, entre as coordenadas geográficas 14º, 48' e 0" S e 39º 10' e 0" W, entre março e julho de 2009. O bairro não apresenta contigüidade com a cidade de Ilhéus e está inserido às margens do Rio Cachoeira, circundado por fazendas de cacau e pelos remanescentes da Mata Atlântica, nas adjacências da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Km 16 da Rodovia Ilhéus-Itabuna a 460 quilômetros de Salvador.

Atualmente o Salobrinho possui uma população de 7.500 habitantes, com média populacional de 4,2 habitantes por residência (IBGE, 2002). O bairro apresenta uma conformação espacial desordenada, com poucas ruas pavimentadas. Não existe rede de esgoto (a maioria das casas possui apenas fossas sépticas), a água consumida vem de poços ou espigões (possivelmente já contaminados), a coleta de lixo não é constante e existe apenas um posto médico para atender as demandas locais. As moradias oscilam entre habitações mais precárias de sapê ou adobe, até estruturas simples em alvenaria, que se agrupam formando galerias, becos, travessas e avenidas (Costa, 2008; Amim & Profice, 2003).

O universo amostral formado por 89 informantes moradores do próprio bairro foi definido com base em critério social, uma vez que foi constituído apenas por pais e/ou responsáveis pelos alunos da 6ª série do Colégio Estadual do Salobrinho atendidos pelo projeto “Plantas medicinais na escola: cultivando saúde e cidadania”.

As entrevistas foram realizadas semanalmente com a aplicação de um questionário semi-estruturado, devidamente aprovado pelo Comitê de Ética da UESC, mediante parecer consubstanciado nº334, contendo questões

fechadas e abertas dividido em duas partes: na primeira, as perguntas se referiam ao perfil dos usuários das plantas medicinais (nome, escolaridade, idade, sexo, como adquiriu o conhecimento de uso das plantas, qual a pessoa da casa que detém maior conhecimento sobre o assunto) enquanto, na segunda, tratava-se diretamente dos usos, indicações e formas de preparo de cada uma (principais plantas que conhece, local de obtenção, parte usada). Simultaneamente, foi realizada a coleta de material botânico apenas das espécies medicinais cultivadas nos quintais dos entrevistados para a identificação e registro no herbário da UESC.

Para aquelas espécies citadas por vinte ou mais informantes, calculou-se a porcentagem de Concordância quanto ao Uso Principal da espécie (CUP). Este índice identifica a importância relativa das plantas utilizadas na comunidade quanto ao número de informantes que a citaram e a concordância dos usos citados (Pinto *et al.*, 2006). Para isso, foram realizados os seguintes cálculos: $CUP = (ICUP / ICUE) \times 100$, onde: ICUP = número de informantes citando o uso principal da espécie e ICUE = número total de informantes citando o uso da espécie. Calculou-se o fator de correção (FC) para cada espécie, o qual identifica os valores de importância relativos à espécie mais citada pelos informantes ($CUP_c = CUP \times FC$), onde $FC = ICUE / ICMC$ e $ICMC = \text{Número de Informantes que Citaram a Espécie Mais Citada}$ (Pinto *et al.*, 2006).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Verificou-se que, de forma geral, os entrevistados compõem uma classe trabalhadora empobrecida devido à crise cacauera regional e é constituída principalmente por marceneiros, pedreiros, encanadores, eletricitistas, pequenos comerciantes, empregadas domésticas e donas de casa. A maioria dos entrevistados (40%) tinha faixa etária entre 35 e 50 anos, sendo 85% do sexo feminino. Composição semelhante de entrevistados com predominância de mulheres repete-se em outros estudos etnobotânicos (Vendruscolo & Mentz, 2006; Viu *et al.*, 2010; Silva *et al.*, 2010). A maioria dos entrevistados (53%) respondeu que a mãe era a pessoa que possuía maior conhecimento acerca do uso de plantas medicinais na casa. A predominância das mulheres como detentoras deste conhecimento pode ser justificada ao se considerar que ao longo da história, nas várias sociedades, tem sido designada às mulheres a responsabilidade de tarefas domésticas e o cuidado das crianças (Viu *et al.*, 2010).

Entre os entrevistados, 97% afirmaram fazer uso habitual das plantas medicinais ou pelo menos já tê-las utilizado em algum momento da sua

vida, talvez como um resquício dos costumes da vida no campo, origem da maior parte dos entrevistados. Este grande percentual de uso também pode estar associado à presença de um único posto de saúde no bairro que muitas vezes é insuficiente para o atendimento de toda a comunidade fazendo com que as pessoas procurem outras formas de terapia como as plantas medicinais. Trabalhos realizados em condições semelhantes também encontraram um elevado percentual de uso de plantas medicinais entre os entrevistados. Na pesquisa realizada por Veiga Júnior (2008) no estado do Rio de Janeiro, 97,7% dos entrevistados afirmaram fazer uso regular de plantas medicinais. Da mesma forma que Silva *et al.* (2010) encontraram um alto índice de uso entre os entrevistados (95,6%) de Nova Chavantina. O fato da maioria dos entrevistados utilizarem plantas medicinais para a manutenção ou recuperação da saúde pode ser considerado como um aspecto positivo, pois além de fortalecer práticas tradicionais, aproxima o homem da flora local (Giraldi & Hanazaki, 2010).

Com relação à origem do conhecimento, 94% informaram ter sido através da comunicação oral, geralmente a partir de um familiar. Segundo Medeiros *et al.* (2004) a transmissão oral do conhecimento sobre o uso de plantas por sociedades humanas é praticada há gerações. Este padrão de transmissão oral e dominância feminina sobre o conhecimento de uso das plantas medicinais se repete em vários levantamentos etnobotânicos (Calábria *et al.*, 2008; Fonseca-Kruel & Peixoto, 2004; Viu *et al.*, 2010; Marchese *et al.*, 2009) confirmando o importante papel da mulher na transmissão oral desse conhecimento.

As plantas medicinais utilizadas pelos moradores podem ser obtidas de diversas fontes além dos próprios quintais, mas a maioria (60%) informou que as adquire através dos vizinhos. Esse resultado é semelhante ao encontrado por Vendruscolo & Mentz (2006), onde os entrevistados também não têm o hábito do cultivo em jardim próprio, obtendo as plantas principalmente através de vizinhos ou parentes. Foram citadas algumas pessoas da comunidade que concentram um número maior de espécies nos seus quintais, tornando-se fontes certas de coleta de plantas para o preparo de chás ou obtenção de mudas para o cultivo e permuta entre a vizinhança. De acordo com Amorozo (1996) nas sociedades rurais brasileiras, plantas medicinais e receitas de uso são trocadas livremente entre os vizinhos quando há necessidade, reforçando, desta forma, os laços sociais e contribuindo para o consenso cultural.

Uma parcela menor (30%) informou que cultiva suas plantas no próprio quintal. Nestes casos, as plantas são cultivadas próximo às casas

diretamente no solo ou em vasos improvisados com materiais reutilizáveis, conhecidos como “caqueiros”. Do mesmo modo, em outro estudo feito na região, as plantas foram encontradas, quase sempre, próximas às casas, em vasos de casca de coco, latas ou outros materiais reutilizáveis (Pinto *et al.*, 2006). Também foi observado o cultivo de plantas em vasos improvisados na abordagem etnobotânica feita por Patzlaff (2007). Além disso, os moradores utilizam determinadas espécies que surgem espontaneamente na beira das ruas ou terrenos baldios, tais como: o quebra-pedra (*Phyllanthus niruri*), o carrapicho-de-agulha (*Bidens pilosa*), e a transagem (*Plantago major*), como já foi registrado no levantamento etnobotânico realizado na zona rural de Itacaré (Pinto *et al.*, 2006).

Apenas 5% informaram que compram suas plantas na feira ou em raizeiros quando não as encontram na região, como por exemplo, as espécies imburana e barbatimão. O restante (5%) afirmou extrair partes de plantas diretamente da mata ou da “cabruca” (plantação de cacau realizada sob a copa raleada de florestas nativas), geralmente espécies de porte arbóreo como o araçá. Moreira *et al.* (2002) encontraram resultado distinto no seu estudo na região de Ilhéus, onde um alto percentual de espécies arbóreas era utilizado pelos entrevistados. Este baixo índice de extração de espécies nativas provavelmente ocorre devido à dificuldade de acesso ao local que só pode ser realizado de barco atravessando o rio Cachoeira que separa a comunidade da “cabruca” mais próxima.

Foi citado um total de 150 espécies diferentes, sendo as mais indicadas: a cidreira (*Lippia alba*) para dor de barriga e calmante, o boldo (*Plectranthus neochilus*) para dor de barriga e dor no estômago, e o capim-santo (*Cymbopogon citratus*), como calmante. *Lippia alba* se confirmou como a espécie medicinal mais importante nesta região tendo sido destacada também nos estudos realizados por Pinto *et al.* (2006) e Moreira *et al.* (2002) no estado da Bahia. Sua indicação popular para o controle da hipertensão, calmante, dor de barriga, má digestão e gases, já foi comprovada cientificamente pela ação suave, tanto calmante como espasmolítica, atribuídas à presença do citral, além da atividade analgésica do mirceno, presentes no óleo essencial da planta (Matos, 1998; Vale, 1999; Zétola, 2000). Também Vale *et al.*, 2002 concluem que estes compostos juntamente com o limoneno, apresentam efeito calmante e relaxante motor ().

A média de plantas citadas por entrevistado foi de 9,29 espécies; contudo, houve indivíduo com maior acúmulo de conhecimento, geralmente os mais idosos, capazes de citar mais de 30 espécies diferentes. Resultado similar foi encontrado em

estudos etnobotânicos realizados por Viu *et al.* (2010) e por Gazzaneo *et al.* (2005). Apesar do número elevado de espécies citadas, somente 34% foram encontradas nos quintais dos entrevistados, sendo 39 espécies cultivadas e 12 espontâneas. Estas plantas foram coletadas, incorporadas ao herbário HUESC, e identificadas (Tabela 1).

A preferência em obter as plantas daqueles vizinhos que habitualmente concentram maior número de espécies em seus quintais, do que cultivá-las por conta própria, pode ser justificada pelo histórico de ocupação do bairro, caracterizado como área de assentamento subnormal, com edificações ocupando praticamente todo o terreno (Costa, 2008). Além disso, as poucas áreas livres e disponíveis ainda são muitas vezes impróprias para o cultivo, pois são utilizadas para criação de aves soltas (galinhas) ou encontram-se contaminadas por resíduos e dejetos. Todavia, as plantas que ainda assim são cultivadas apresentam porte principalmente herbáceo ou arbustivo e são exóticas, confirmando o padrão já registrado na região (Pinto *et al.*, 2006). As espécies mais encontradas junto às residências foram: a cidreira (14), a transagem (8), o alumã (8), o hortelã-grosso (8), o boldo (7), e a pitangueira (7).

As espécies coletadas estão distribuídas em 32 famílias botânicas e 42 gêneros distintos, sendo Lamiaceae a mais representativa, com 10 citações, seguida por Euphorbiaceae, Asteraceae, Verbenaceae e Poaceae, todas com 3 citações. Resultado similar e de destaque da família da Lamiaceae também foi encontrado por Pinto *et al.* (2006) e Moreira *et al.* (2002). Segundo Martins *et al.* (1995), esta família é a que apresenta maior número de espécies com óleos essenciais de amplas ações farmacológicas.

Entre as partes das plantas, a folha foi a mais utilizada no preparo das receitas da medicina popular (86%), seguida pelos frutos e raízes (ambos com 3%), cascas dos caules e planta inteira (ambas com 2,5%), flor (2%), e outros (1%), englobando mucilagem, sementes e látex. A folha é citada como a parte do vegetal mais utilizada em outros estudos etnobotânicos (Silva *et al.*, 2010; Monteles & Pinheiro, 2007; Vendruscolo & Mentz, 2006). De acordo com Silva *et al.* (2010) o maior uso das folhas pela comunidade provavelmente se deve à facilidade de coleta, ou também a uma consciência de preservar a planta, retirando partes que possam ser repostas sem causar maiores danos à planta. As formas de preparação mais comuns foram: chá (70%); “lambedor”, denominação popular para o xarope (14%); banho (6%); sumo (5%), e outros (5%) incluindo formas de preparo como emplastro e rapé. O uso das plantas na forma de chá foi citado como a principal forma de preparo em várias

TABELA 1. Espécies usadas para fins medicinais (n = 53) pela comunidade do Salobrinho (Ilhéus, BA). Reg. = número de registro no Herbário HUESC; Forma = Forma encontrada no campo; C = cultivada; E = espontânea.

Nome científico	Nome popular	Forma	Indicação	Parte usada	Forma de preparo	Reg.
Amaranthaceae						
<i>Pfaffia stenophylla</i> (Spreng.) Standl	Anador, Novalgina	C	Dor no corpo, dor de cabeça, febre	Folhas e caule	Chá	14063
Anacardiaceae						
<i>Schinus terebinthifolius</i> Radd	Aroeira, Aroeira-de-remédio	E	Inflamação, cicatrizante, coceira, gripe, gastrite, colesterol alto, pressão alta e cólica	Folhas e casca	Chá, inalação, banho, cocção	13920
Apiaceae						
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Erva-doce	C	Barriga inchada, gases, calmante, dor de barriga, cólica, pressão alta, disenteria em crianças	Folhas, sementes e caule.	Chá	14067
Asteraceae						
<i>Verbesina macrophylla</i> (Cass.)S.F.Blake	Assa-peixe	C	Má digestão, ácido úrico alto, gases, brotoeja, tosse, gripe, inflamação	Folhas sem o pecíolo	Chá, banho, lambedor	14069
<i>Vernonia condensata</i> Baker	Alumã	C	Dor de barriga, má digestão, gastrite, mal estar, inchaço, cólica, dor de estômago	Folhas e casca	Chá, sumo	14056
<i>Bidens pilosa</i> L.	Carrapicho-de-agulha	E	Pedra na vesícula, dor nos rins, inflamação, hepatite, dores nos ossos, icterícia, infecção	Folhas e toda a planta	Chá, banho	13918
Begoniaceae						
<i>Begonia</i> cf. <i>reniformis</i> Dryades	Cadeado	C	Diarréia	Folhas	Chá	14271
Bixaceae						
<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	C	Colesterol alto, anemia	Semente e fruto	Chá, sumo, suco	14083
Boraginaceae						
<i>Cordia corimbosa</i> (L.) Don.	Maria-preta	E	Dor no corpo, tosse, gripe	Folhas	Sumo com leite, lambedor	14072
Capparaceae						
<i>Cleome aculeata</i> L.	Xinxim-de-galinha	E	Inflamação e ajuda a emagrecer	Toda a planta	Chá	14270
Caprifoliaceae						
<i>Sambucus australis</i> Cham & Schltdl.	Sabugueiro	C	Febre	Folhas	Banho	14070
Caricaceae						
<i>Carica papaya</i> L.	Mamoeiro	C	Infecção intestinal, tosse, gripe	Folhas e flor	Chá, Lambedor	14053
Chenopodiaceae						
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz, Mastruço	E	Expectorante, vermífugo, infecção, dor de barriga, inflamação, pancada, tuberculose, virose em animais, cicatrização, apostema.	Folhas e talos	Chá, sumo com leite, emplastro e xarope	13905
Crassulaceae						
<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Folha-da-costa	C	Gripe, tosse, cicatrizante, frieira	Folhas	Xarope	14090

continua...

TABELA 1. Espécies usadas para fins medicinais (n = 53) pela comunidade do Salobrinho (Ilhéus, BA). Reg. = número de registro no Herbário HUESC; Forma = Forma encontrada no campo; C = cultivada; E = espontânea.

continuação...

Nome científico	Nome popular	Forma	Indicação	Parte usada	Forma de preparo	Reg.
Euphorbiaceae						
<i>Jatropha cf. martiusii</i> Baill.	Espinheira-santa	C	Inchaço, dor no corpo, inflamação	Folhas e talos	Chá	14075
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra-pedra	E	Pedra nos rins e na vesícula, inflamação, diurético	Folhas e toda a planta	Chá	13911
<i>Croton heliotropiifolius</i> Kunth.	Velame, Velaminho	C	Febre	Folhas	Chá	14064
Fabaceae						
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Fedegoso	C	Expectorante e tosse	Raiz	Chá, xarope, lambedor	13908
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Mill	Andu	C	Vermífugo	Folhas	Chá	14078
Lamiaceae						
<i>Mentha piperita</i> L. var. citrata	Água-de-alevante	C	Regulador de menstruação, coração, vômito	Folhas	Chá	13907
<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	C	Tosse, gripe, dor de barriga, expectorante	Folhas	Chá, xarope	14057
<i>Mentha X villosa</i> Huds.	Hortelã-miúdo	C	Vermífugo, dor de barriga, gripe, tosse, cólicas, tempero, má digestão, circulação, afina o sangue	Folhas e talos	Chá, lambedor, xarope, tempero	13910
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjeriço-grande	C	Tempero, tosse, gripe, pressão alta, descarrego, dor de barriga, diabetes, calmante, expecto-rante, afina o sangue	Folhas, talos e toda a planta	Lambedor, tempero, chá, banho	14061
<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Alfavaca-de-galinha	C	Tosse, gripe, tempero/condimento, expectorante, inflamação, afina o sangue	Folhas	Lambedor, tempero, chá	14091
<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Quioiô	C	Febre, cansaço, tosse, gripe, descarrego, expecto-rante, tempero	Folhas e toda a planta	Banho, tempero, xarope, chá, lambedor	13917
<i>Ocimum</i> sp.	Manjeriço-miúdo	C	Expectorante	Folhas e talos	Lambedor	14062
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng	Hortelã-grosso	C	Vermífugo, gripe, tosse, tempero, afina o sangue, pancada, cicatrizante, infecção, dor de ouvido e furúnculo	Folhas	Chá, xarope, emplasto	13915
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Santa-bárbara, Tapete-de-oxalá	C	Dor de barriga, má digestão, abortivo, dores no corpo, dor de estômago, diabetes, gastrite, problemas intestinais	Folhas	Chá	14077
<i>Plectranthus neochilus</i> Schltr.	Boldo	C	Dor de barriga, dores, dor de estômago, má digestão, abortivo, inflamação, diarreia, náuseas, cólica, barriga inchada, dor de cabeça, problemas intestinais	Folhas	Chá, sumo	14058
Lauraceae						
<i>Cinnamomum zeylanicum</i> J. Presl	Canela	C	Vômito, digestão, coração, calmante	Folhas, talo, casca	Chá	14080
Liliaceae						
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f.	Babosa	C	Cicatrização e queda de cabelos	Folhas	Usar a polpa	14092
Malpighiaceae						
<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	C	Febre, gripe, expectorante, diarreia	Folhas, flor, fruto	Chá, xarope	14068

continua...

TABELA 1. Espécies usadas para fins medicinais (n = 53) pela comunidade do Salobrinho (Ilhéus, BA). Reg. = número de registro no Herbário HUESC; Forma = Forma encontrada no campo; C = cultivada; E = espontânea.

continuação...

Nome científico	Nome popular	Forma	Indicação	Parte usada	Forma de preparo	Reg.
Monimiaceae						
<i>Siparuna</i> sp.	Tetrex	C	Febre, infecção, cicatrizante, inflamação, dores	Folhas	Chá, sumo, emplastro	14049
Myristicaceae						
<i>Myristica fragrans</i> Houtt	Noz-moscada	C	Dores no corpo, febre, dor de barriga, derrame, tontura, pressão alta, dor de cabeça, visão turva	Frutos, folhas e sementes.	Chá, infusão, banho	14081
Myrtaceae						
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	C	Tosse, gripe, febre, dor de estômago, inflamação	Folhas, cascas e sementes	Chá, banho, inalação, lambedor	14065
Piperaceae						
<i>Peperomia pellucida</i> (L.) H.B.K	Alfavaca-de-cobra	E	Diarréia, gripe, problemas intestinais, circulação, falta de ar	Folhas	Chá	13913
Plantaginaceae						
<i>Plantago major</i> L.	Transagem	E	Inflamação, cólica menstrual, antibiótico, diurético, dor de barriga, dor de estômago	Folhas	Chá, sumo, banho	13909
Poaceae						
<i>Cymbopogon citratus</i> (D.C.) Stapf.	Capim-santo	C	Calmante, pressão alta, dor de barriga, diurético, dor de cabeça, gripe, dor de estômago, fortalecedor de cabelos, insônia	Folhas	Chá, suco	14073
<i>Cymbopogon flexuosus</i> (DC.) Stapf.	Capim-citronela	C	Sinusite, dor no corpo, gripe, febre, enxaqueca	Folhas	Chá, inalação, rapé	14041
<i>Vetiveria zizanioides</i> (L.) Nash	Capim-sândalo	C	Problemas urinários	Folhas e raízes	Chá	14079
Portulacaceae						
<i>Talinum triangulare</i> (Jacq.) Willd	Língua-de-vaca	E	Pressão alta	Folhas	Chá	14066
Punicaceae						
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	C	Inflamação da garganta	Folhas e fruto	Chá	14074
Rutaceae						
<i>Citrus limonum</i> Risso	Limão-tangerina, Limão-cravo	C	Calmante, gripe, febre	Folhas	Chá, xarope	13916
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	C	Quebranto, cólicas, irritação dos olhos, descarrego	Folhas	Banho, sumo, inalação	14059
Solanaceae						
<i>Solanum</i> sp.	Jurubeba	E	Cálculo nos rins, dor de estômago, tosse, circulação, inchaço, gases	Folhas, semente e raiz	Chá, xarope	14054
Scrophulariaceae						
<i>Scoparia dulcis</i> L..	Vassourinha	E	Febre, descarrego, antibiótico, coceira, doença de criança, brotoeja	Folhas e toda a planta	Banho, chá, sumo	13921
Urticaceae						
<i>Pilea microphylla</i> (L.) Lieb	Brilhantina	E	Diarréia	Folhas	Chá	14055

continua...

TABELA 1. Espécies usadas para fins medicinais (n = 53) pela comunidade do Salobrinho (Ilhéus, BA). Reg. = número de registro no Herbário HUESC; Forma = Forma encontrada no campo; C = cultivada; E = espontânea.

continuação...

Nome científico	Nome popular	Forma	Indicação	Parte usada	Forma de preparo	Reg.
Verbenaceae						
<i>Aloysia gratissima</i> (Gillies et. Hook)	Alfazema	C	Azia, coração	Folhas	Chá, sumo, banho	13912
Trancoso						
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br.	Erva-cidreira	C	Dor de barriga, calmante, febre, dor de estômago, má digestão, tonteira, pressão alta, e talos gases, cicatrizante, diarreia, dor abdominal, dor de cabeça, aumenta o apetite, gripe, barriga inchada, vermífugo	Folhas, caule Folhas e caule.	Chá, suco	13906
<i>Lippia alba</i> f. <i>intermedia</i> Moldenke	Melissa	C	Inflamação, pressão alta, dor de barriga, gases, calmante, má digestão		Chá	14060
Zingiberaceae						
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	C	Tosse, garganta inflamada	Raízes	Chá, xarope	13914

comunidades (Fuck *et al.*, 2005; Silva *et al.*, 2010; Negrelle & Fornazzari, 2007). O tempo de tratamento e a posologia variam de acordo com a experiência de cada indivíduo. Resultado parecido foi encontrado no estudo desenvolvido na comunidade de Indaial em Santa Catarina, onde o tempo de duração do tratamento com as plantas é variado porque, de acordo com os entrevistados, cada pessoa enferma reage diferentemente ao tratamento, não tendo, portanto, um tempo determinado (Silva *et al.*, 2009). Foram citadas pela comunidade formas de preparo que incluem a adição de sucos, leite ou leite de coco. Também foram citadas receitas que utilizavam mais de uma espécie, como uma certa receita de xarope que foi repetidamente citada contendo: hortelã-grosso (*Plectranthus amboinicus*), quioid (*Ocimum gratissimum*) e alfavaca-de-galinha (*Ocimum campechianum*). Esse hábito é recorrente na região, como pode ser visto no estudo de Pinto *et al.* (2006), onde algumas plantas medicinais são usadas juntas no mesmo preparado para, segundo os entrevistados, aumentar a eficácia do tratamento.

O valor mais alto do CUPc (66,2) foi encontrado para a espécie *Lippia alba*, significando que é a espécie mais usada na região como calmante e no tratamento da dor de barriga (Tabela 2), coincidindo com resultado encontrado por Pinto *et al.* (2006) em Itacaré. Valores altos de CUP também foram observados para *Eugenia uniflora* (90), *Plantago major* (86,1), e *Mentha x villosa* (84,6) que, apesar de serem espécies não tão citadas na região, possuem alta concordância de uso principal para febre e gripe (pitangueira), inflamação (transagem), e vermífugo e dor de barriga (hortelã-miúdo). Estes

dados podem auxiliar na comprovação da eficácia de determinada espécie para uso medicinal, pois, quanto mais informantes estiverem concordando com determinado uso, maior será a validação destas informações que, no futuro, poderão servir de base para estudos farmacológicos buscando a descoberta de novas curas para doenças e/ou a melhoria de medicamentos já existentes (Roque *et al.*, 2010).

Dentre as 86 diferentes indicações terapêuticas o maior número de citações esteve relacionado a problemas gastrointestinais (dor de barriga, gases, indigestão, diarreia) com 308 citações, seguida por 171 citações referente a afecções respiratórias (gripe, pneumonia, tosse, bronquite). Este resultado é análogo ao encontrado por Pinto *et al.* (2006), onde doenças relacionadas aos sistemas gastrointestinal e respiratório estiveram entre as mais citadas, com 21,4% e 10,8% do total de citações, respectivamente. A alta incidência de problemas gastrointestinais possivelmente seja devido à falta de saneamento básico no bairro, o que pode aumentar o índice de contaminação por bactérias ou verminoses. O alto número de indicações para afecções do sistema respiratório também foi encontrado na abordagem etnobotânica feita por Moreira *et al.* (2002) na comunidade Vila Cachoeira pertencente a Ilhéus, podendo estar associado ao clima úmido e instável da região. Em outros estudos realizados no Brasil, as indicações mais citadas também se referiram a problemas gastrointestinais e afecções respiratórias (Vendruscolo & Mentz, 2006; Calábria *et al.*, 2008; Monteles & Pinheiro, 2007). Também ocorreram muitas indicações para processos

TABELA 2. Porcentagem de concordância de uso (s) principal (is) referente às espécies citadas por 20 ou mais informantes. ICUE = nº de informantes que citaram o uso da espécie; ICUP = nº de informantes citando uso principal; CUP = índice de concordância de uso; FC = fator de correção; CUPc = CUP corrigida.

Nome científico	Uso principal	ICUE	ICUP	CUP	FC	CUPc
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br.	Dor de barriga, calmante	74	49	66,2	1,00	66,2
<i>Plectranthus neochilus</i> Schltr.	Dor de barriga, dor de estômago	52	35	67,3	0,70	47,11
<i>Mentha x villosa</i> Huds.	Vermífugo, dor de barriga	39	33	84,6	0,52	43,99
<i>Plantago major</i> L.	Inflamação	36	31	86,1	0,48	41,32
<i>Cymbopogon citratus</i> (D.C.) Stapf.	Calmante	43	29	67,4	0,58	39,00
<i>Vernonia condensata</i> Baker	Dor de barriga, barriga inchada, má digestão	33	26	78,7	0,44	34,62
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Vermífugo, dor de barriga	34	23	67,6	0,45	30,42
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng	Tosse	39	20	51,2	0,52	26,62
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Febre, gripe	20	18	90,0	0,27	24,30
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Gases, dor de barriga	28	16	57,2	0,37	21,16
<i>Schinus terebinthifolius</i> Radd.	Cicatrização, inflamação	21	15	71,4	0,28	19,99
<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Tosse, expectorante	21	13	61,9	0,28	17,33

inflamatórios (inflamação da garganta, ouvido, feridas), totalizando 108 citações. Além dessas, houve indicação para diversas enfermidades, tais como: diabetes, derrame, “brotuejas”, problemas cardíacos, colesterol alto, “palpitação”, cálculo nos rins, enxaqueca, “pancada”, entre outras.

Houve também indicação para o tratamento de doenças culturais, onde determinadas plantas servem para fazer o “descarrego” e tirar o “quebrante”. Diversos estudos citam o uso de plantas com essa finalidade (Moreira *et al.*, 2002; Roque *et al.*, 2010; Patzlaff, 2007). As doenças culturais são muito populares em comunidades rurais e servem para explicar sintomas de outras doenças que não foram identificadas pela população naquele momento específico (Roque *et al.*, 2010). É interessante que plantas utilizadas em rituais para afastar o “mau olhado” e a inveja, como a arruda, por exemplo, só podem ser colhidas pela proprietária, pois outras pessoas podem ter a “mão ruim”, e ao tocarem a planta podem causar a sua morte. Possivelmente essas crenças populares originam-se de religiões de matriz africana e também da tradição das rezadeiras (Patzlaff, 2007).

Conclui-se que a localização afastada do bairro do Salobrinho em relação aos espaços construídos da cidade, a origem rural dos seus moradores, e sua condição sócio-econômica limitada, possivelmente contribuíram para o acúmulo de conhecimento sobre o tratamento de diversas enfermidades utilizando preparados feitos à base de plantas medicinais. O uso das plantas medicinais nesta comunidade baseia-se em informações obtidas junto aos familiares e conhecidos, sendo o chá das folhas a principal forma de preparo. Mesmo

com um grande número de espécies citadas, poucas pessoas têm o hábito de cultivá-las em seus quintais devido à restrição de espaço, preferindo adquiri-las de vizinhos conhecidos por terem maior número de plantas medicinais. A espécie *Lippia alba* foi a espécie mais citada e com o maior valor do CUPc, havendo concordância do seu uso pela população no tratamento de dor de barriga e como calmante.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), pelo auxílio financeiro e pela concessão da bolsa de extensão para a primeira autora durante a realização deste trabalho. À população do Salobrinho pelos ensinamentos e pela hospitalidade com que fomos recebidos.

REFERÊNCIA

- AMIM, V.; PROFICE, C.C. As representações sociais acerca das populações de risco: um estudo de caso da comunidade do Salobrinho. In: III JORNADA INTERNACIONAL e I CONFERÊNCIA BRASILEIRA SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, 3, 2003, Rio de Janeiro. **Resumos...** Rio de Janeiro: UERJ, 2003, p.1450-1462.
- AMOROZO, M.C.M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L.C. **Plantas medicinais: arte e ciência**. 1º ed. São Paulo: Editora UNESP, 1996, p. 47-68.
- CALÁBRIA, L.; CUBA, G.T.; HWANG, S.M.; MARRA, J.C.F.; MENDONÇA, M.F.; NASCIMENTO, R.C.; OLIVEIRA, M.R.; PORTO, J.P.M.; SANTOS, D.F.; SILVA, B.L.; SOARES, T.F.; XAVIER, E.M.; DAMASCENO, A.A.; MILANI, J.F.; REZENDE, C.H.A.; BARBOSA, A.A.A.; CANABRAVA, H.A.N. Levantamento etnobotânico

- e etnofarmacológico de plantas medicinais em Indianópolis, Minas Gerais, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v.10, n.1, p. 49-63, 2008.
- COSTA, S.K. **Percepção ambiental e revitalização: as praças do bairro Salobrinho, Ilhéus, Bahia**. 2008. 122p. Dissertação (Mestrado - Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente) - Programa Regional de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus.
- DI STASI, L.C.; HIRUMA-LIMA, C.A. **Plantas medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica**, 2º.ed., São Paulo: Unesp, 2002. 592p.
- FONSECA-KRUEL, V.S.; PEIXOTO, A.L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, Rio de Janeiro, Brasil. **Acta Botânica Brasileira**, v.18, n.1, p.177-190, 2004.
- FUCK, S.B.; ATHANÁZIO, J.C.; LIMA, C.B.; MING, L.C. Plantas medicinais utilizadas na medicina popular por moradores da área Urbana de Bandeirantes, PR, Brasil. **Ciências Agrárias**, v. 26, n. 3, p. 291-296, 2005.
- GAZZANELO, L.R.S.; LUCENA, R.F.P.; ALBUQUERQUE, U.P. Knowledge and use of medicinal plants by local specialists in an region of Atlantic Forest in the state of Pernambuco (Northeastern Brazil). **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v.1, n. 9, p. 1-8, 2005.
- GIRALDI, M.; HANAZAKI, N. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. **Acta Botânica Brasileira**, v. 24, n.2, p.395-406, 2010.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, Brasil: **Censo 2002**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home>>. Acesso em: 3 fev. 2010.
- MACIEL, M.A.M.; PINTO, A.C.; VEIGA, Jr.V.F. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Química Nova**, v.25, n.3, p.429-438, 2002.
- MARCHESE, J.A.; MING, L.C.; FRANCESCHI, L.; CAMOCHENA, R.C.; GOMES, G.D.R.; PALADINI, M.V.; CAPELIM, D.; MARCHESE, C.F. Medicinal plants used by “Passo da Ilha” rural community in the city of Pato Branco, southern Brazil. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v. 81, nº4, p.691-700, 2009.
- MARTINS, E.R.; CASTRO, D.M.; CASTELLANI, D.C.; DIAS, J.E. **Plantas Medicinais**, 1ª ed., Viçosa: UFV Imprensa Universitária, 1995. 189p.
- MATOS, F.J.A. **Farmácias vivas**, 3ª ed., Ceará: UFC, 1998. 219p.
- MEDEIROS, M.F.T.; FONSECA, V.S.; ANDREATA, R.H.P. Plantas medicinais e seus usos pelos sítiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. **Acta Botânica Brasileira**, v.18, n. 2, p.391-399, 2004.
- MONTELES, R.; PINHEIRO, C.U.B. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 7, n.2, p.38-48, 2007.
- MOREIRA, R.C.P.; COSTA, L.C.B.; COSTA, R.C.S.; ROCHA, E.M. Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. **Acta Farmaceutica Bonaerense**, v.21, n.3, p.205-211, 2002.
- NEGRELLE, R.R.B.; FORNAZZARI, K.R.C. Estudo etnobotânico em duas comunidades rurais (Limeira e Ribeirão Grande) de Guaratuba (Paraná, Brasil). **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v.9, n.2, p.36-54, 2007.
- PATZLAFF, R.G. **Estudo etnobotânico de plantas de uso medicinal e místico na comunidade da Capoeira Grande, Pedra de Guaratiba, Rio de Janeiro, RJ, Brasil**. 2007. 160 p. Dissertação (Mestrado – Botânica) – Escola Nacional de Botânica Tropical, Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- PINTO, E.P.P.; AMOROZO, M.C.M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botânica Brasileira**, v.20, n.4, p.751-762, 2006.
- ROQUE, A.A.; ROCHA, R.M.; LOIOLA, M.I.B. Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (nordeste do Brasil). **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v.12, n.1, p.31-42, 2010.
- SILVA, M.D.; DREVECK, S.; ZENI, A.L.B. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela população rural no entorno do Parque Nacional da Serra do Itajaí – Indaial. **Revista Saúde e Ambiente**, v.10, n. 2, p.54-64, 2009.
- SILVA, M.A.B.; MELO, L.V.L.; RIBEIRO, R.V.; SOUZA, J.P.M.; LIMA, J.C.S.; MARTINS, D.T.O.; SILVA, R.M. Levantamento etnobotânico de plantas utilizadas como anti-hiperlipidêmicas e anorexígenas pela população de Nova Xavantina-MT, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 20, n.4, p.549-562, 2010.
- SIMÕES, L.L.; LINO, C.F. **Sustentável Mata Atlântica: a exploração de seus recursos florestais**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2002. 215 p.
- VALE, T.G. **Estudo farmacológico comparativo de óleos essenciais de quimiotipos de *Lippia alba* (Mill.) N.E. Brown**. 1999. 150p. Dissertação, (Mestrado – Área de concentração em Farmacologia) – Departamento de Farmácia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- VALE T.G.; FURTADO, E.C.; SANTOS, J.G.; VIANA, G.S.B. Central effects of citral, myrcene and limonene, constituents of essential oil chemotypes from *Lippia alba* (Mill.) N.E. Brown. **Phytomedicine**, v.9, n.1, p.709-714, 2002.
- VEIGA JÚNIOR, V.F. Estudo do consumo de plantas medicinais na Região Centro-Norte do Estado do Rio de Janeiro: aceitação pelos profissionais de saúde e modo de uso pela população. **Revista Brasileira de Farmacognosia** v.18, n.2, p.308-313, 2008.
- VENDRUSCOLO, G.S.; MENTZ, L.A. Levantamento etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais por moradores do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Iheringia**, v. 61, n. 1-2, p. 83-103, 2006.
- VIU, A.F.M.; VIU, M.A.O.; CAMPOS, L.Z.O. Etnobotânica: uma questão de gênero? **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.5, n.1, p.138-147, 2010.
- ZÉTOLA, M. **Desenvolvimento de preparações extrativas de *Lippia alba* (Mill.) N.E. Brown ex Britt & Willis (falsa-melissa) Verbenaceae**. 2000. 115p. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) – Departamento de Farmácia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.